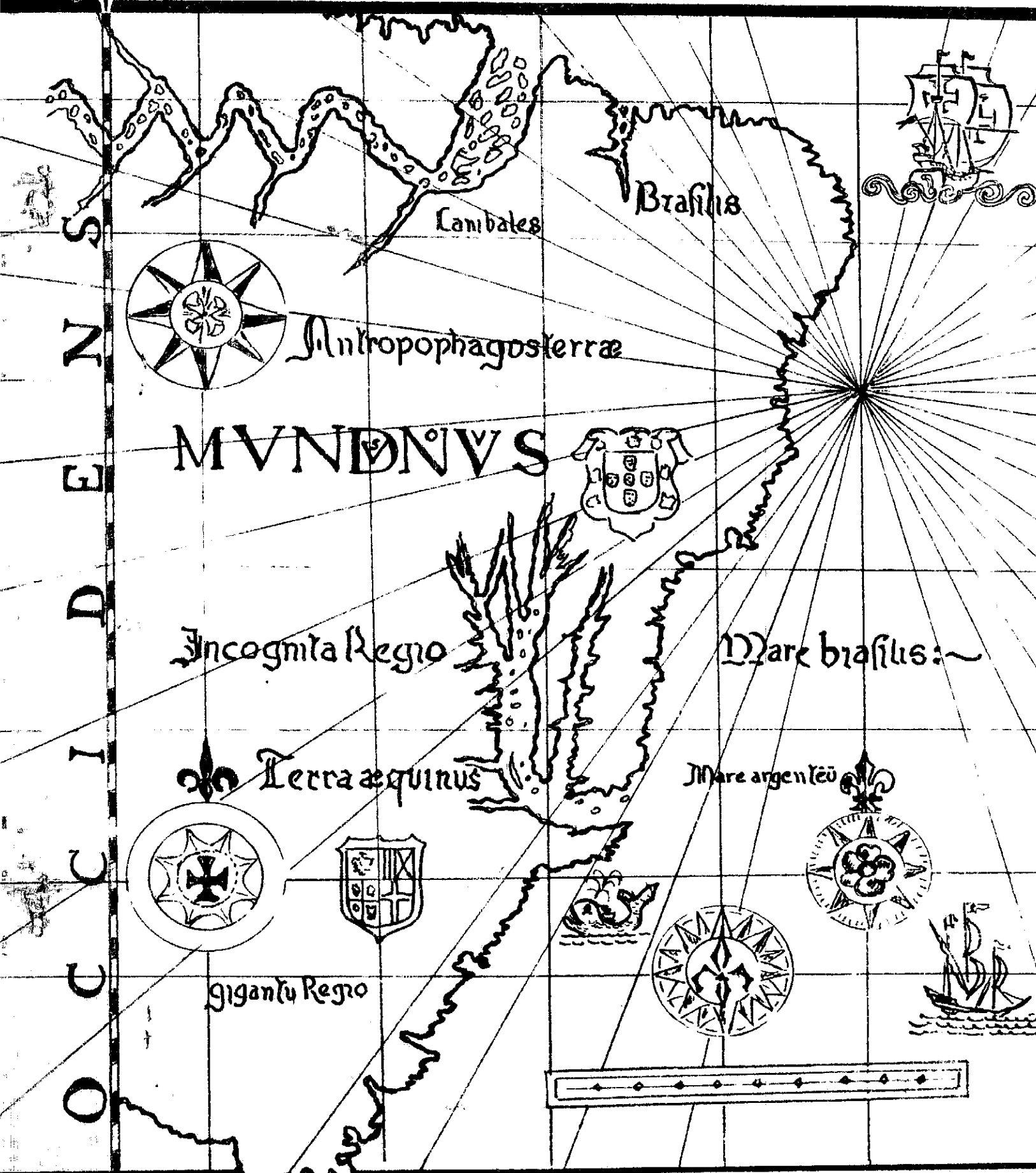


O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GREMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Escrevem os leitores

..."Escrevo estas palavras agradecendo a Deus por este maravilhoso jornal que nos ensina muitas coisas boas pedindo a Deus que aumente o número deste jornal cada vez mais. E (junto) mando minha pequena contribuição..."

ALTAIR PACHECO LOPES
ITALVA - RJ

..."O Desbravador" é um ótimo jornal, é educativo e nos mostra as pedras de um mundo melhor..."

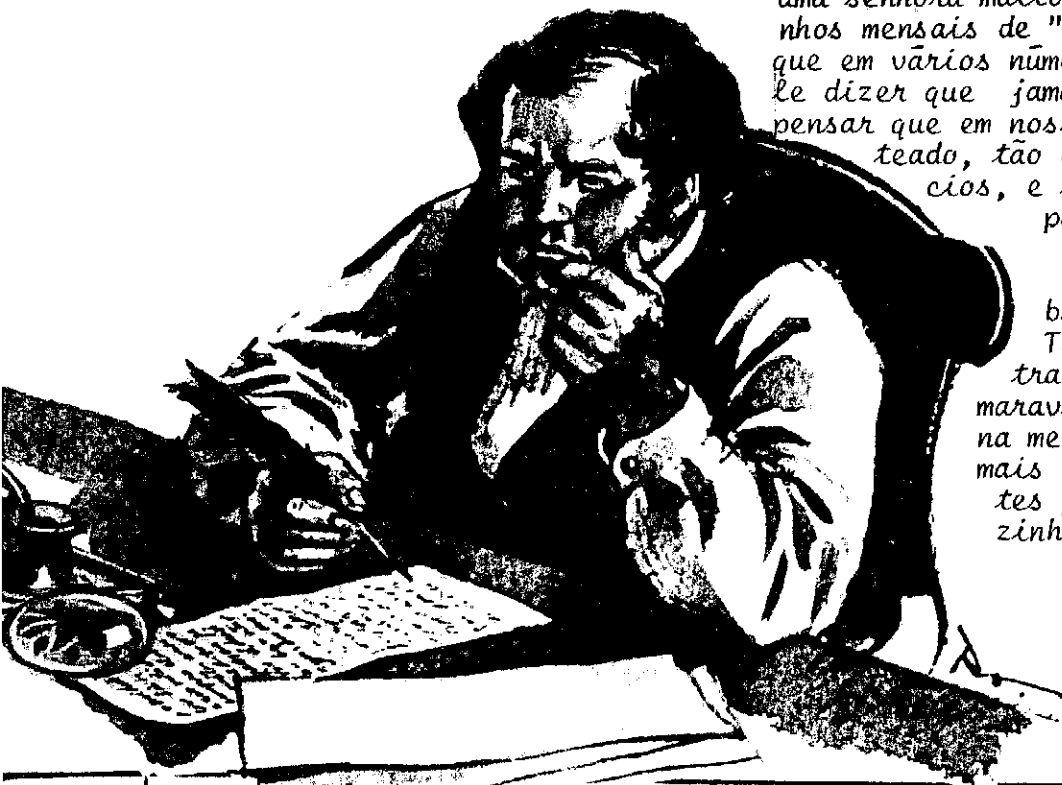
IRINEU BACKMANN
ASSIS - SP

..."Fiquei conhecendo esse jornalzinho estudantil, em casa de uma prima...Gostaria muito de recebê-lo, pois meus irmãos e eu, aproveitaremos com sua leitura construtiva. Aprovei to para enviar-lhe uma pequena contribuição e o meu endereço..."

JOSE INACIO M. MACHADO
CABO FRIO - RJ

..."Sem dúvida nenhuma é um prazer imenso estar escrevendo-lhe... para dizer que encontrei através de uma senhora muito amiga os jornalinhos mensais de "O Desbravador", só que em vários números. Para mim, vale dizer que jamais seria capaz de pensar que em nosso tempo, tão desordenado, tão cheio de torturas, vícios, e tantas coisas assim parecidas, pudesse existir gente que se determinasse a tão brilhante trabalho. Trabalho esse que nos traz uma série de coisas maravilhosas. Gostaria de, na medida do possível, ser mais um de seus concorrentes para receber o jornalzinho, "O Desbravador"..."

MIGUEL FÉLIX DE ANDRADE
CRUZEIRO DO SUL - ACRE



DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:
ANSELMO LÁZARO BRANCO

SUPERVISÃO GERAL:
CARLOS AUGUSTO VIEIRA

SECRETARIA:
MIHAÏLO MILAN ZLATKOVIC
MAURO TAKESHI ENDO

REDAÇÃO:
JOSE HENRIQUE DO CARMO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
SERGIO BORGES F. MOLINARI
MARIA DO CARMO RUFINO

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 - SÃO PAULO - SP

EXPEDIÇÃO:
VALMIR DE CASTRO
LAURINDO GONÇALVES
JORGE CARDOSO DE BARROS
JORGE A. ORIS DE ROA
ALEXANDRE L. ROS

COMPOSIÇÃO:
ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

"COMO É POSSÍVEL QUE UM HOMEM, ENQUANTO VIVE NESTE VALE DE LÁGRIMAS, ESTEJA LIVRE DE CUIDADOS E LUTAS" (São João Crisóstomo)

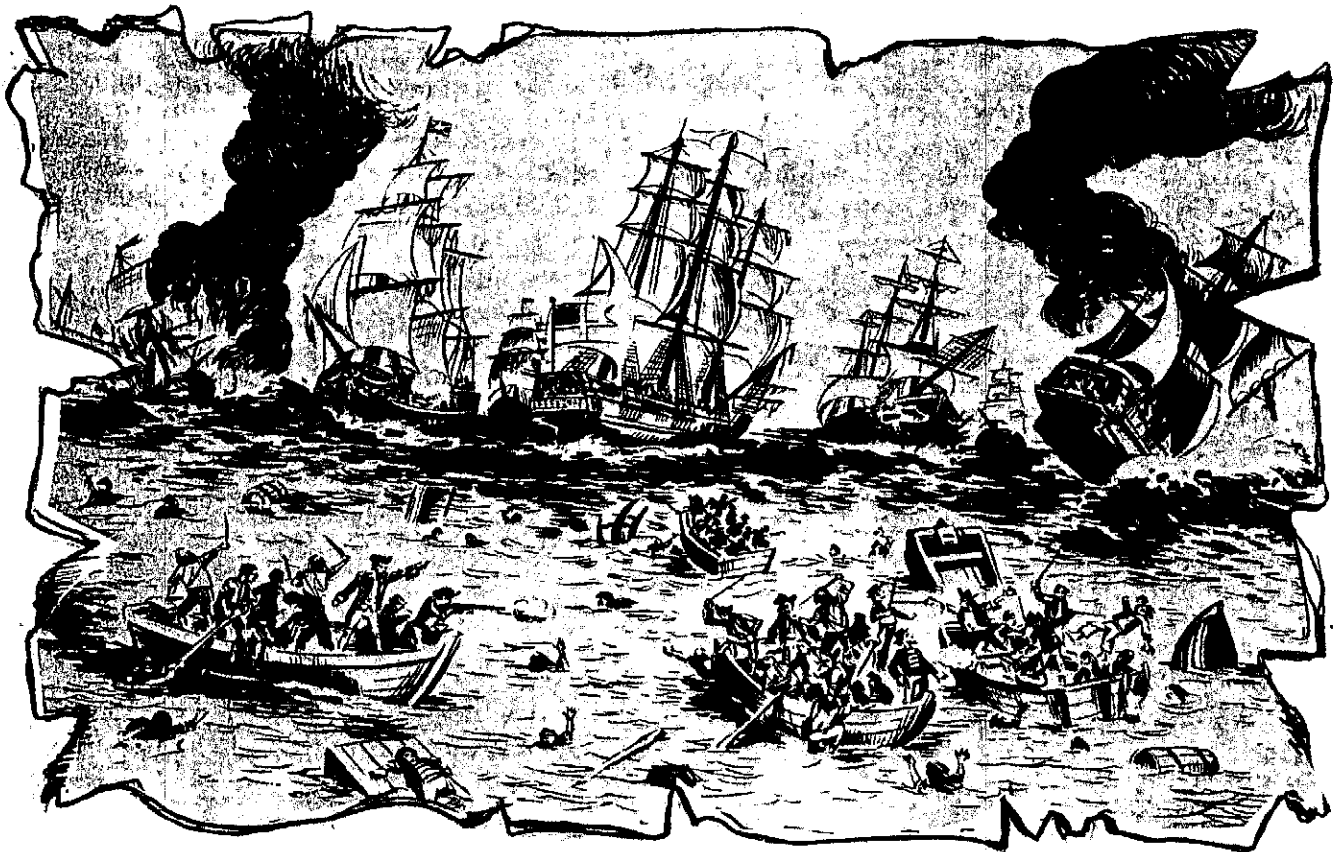
EDITORIAL

Vivemos em um país cheio de contradições. De um lado tivemos a felicidade de ter como primeiro nome o de Terra de Santa Cruz, o primeiro ato de nossa história foi uma missa, e nos números somos o país de mais católicos em toda a Terra. Mas, por outra parte temos também coisas negativas na nossa vida. Assim, dia a dia cresce o número de terreiros de macumba, onde é invocado o demônio, outrossim, a cada dia que passa crescem os adeptos de seitas protestantes e por outro lado as igrejas católicas tem sofrido um enorme esvaziamento. Portanto, estamos longe de corresponder à nossa grandiosa vocação.

Falamos em nossa vocação, e dizendo isso nos lembramos de nosso glorioso passado católico. Desta forma, foi pela Fé que nossos antepassados expulsaram os franceses protes-

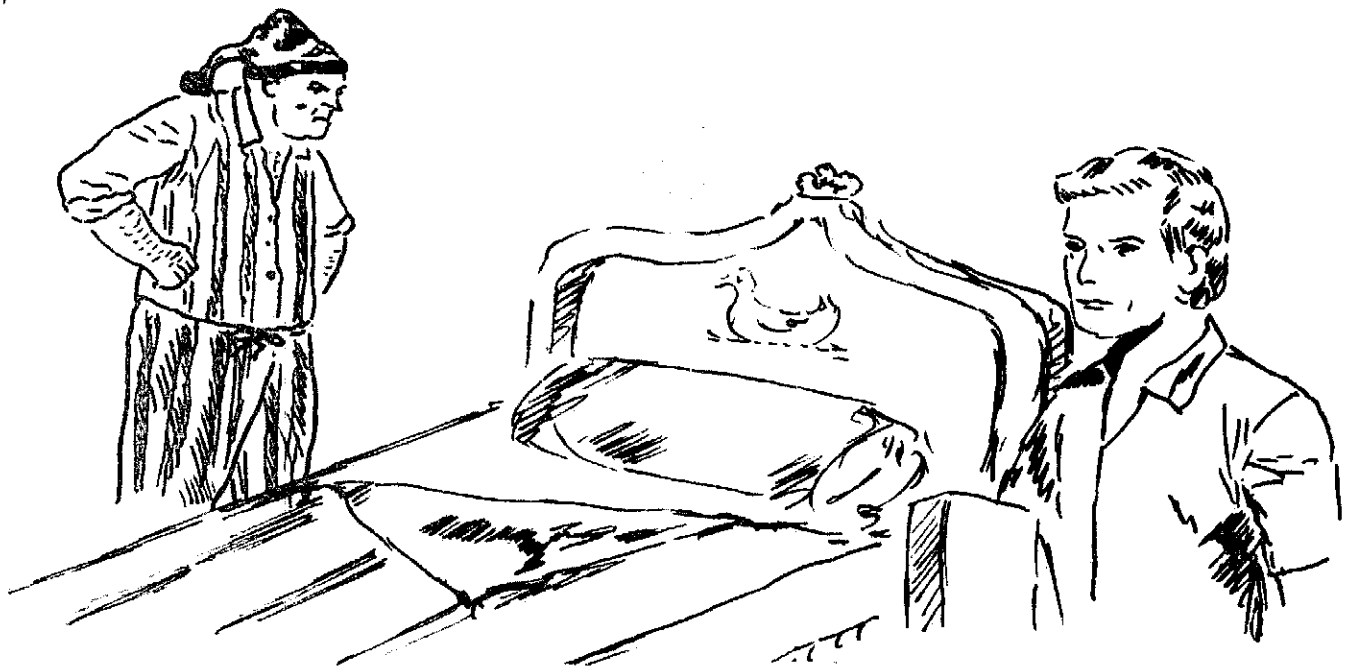
tantes, foi por causa dessa mesma Fé que os herejes holandeses foram derrotados pelos valorosos protagonistas da Insurreição Pernambucana.

Tem pois o Brasil de honrar as suas origens e a Fé de nossos antepassados, mas para tanto é preciso que encetemos uma viforosa reação. É necessário que cada um de nós lute, se necessário com o seu sangue, para que o Brasil continue católico, aliás, cumpra com a sua grandiosa missão e se torne verdadeiramente católico, não somente de nome, mas também na vida de seus habitantes, na vida da nação, na moralidade de nossos costumes, e no Amor à Nossa Pátria e Padroeira, a Virgem Aparecida, a quem pedimos que faça desta Pátria a Ela dedicada, a Terra de Seu Divino Filho, a Terra de Santa Cruz.



"Não manifesteis, pois, nunca piedade que não tendes; ocultai antes a que a que tendes."

Santa Tereza de Avila



SAÚDE DO CORPO... ... E SAÚDE DA ALMA.

Havia um senhor rico à moderna que não queria saber de religião, nem de igreja, nem de preceito pascal, nem de oração.

Com ele vivia, há muitos anos, um ótimo criado, piedoso, fiel e que lhe queria muito bem. Esse criado, valendo-se da confiança que lhe dava o patrão, dizia-lhe às vezes:

- Mas, senhor patrão, pense também um pouco em Deus e em sua alma.

- Fique tranqüilo, respondia-lhe o patrão. Veja: ou eu sou predestinado e então me salvarei da mesma forma sem ir à igreja receber os sacramentos e rezar; ou não sou predestinado, e então, faça eu o bem que fizer, me condenarei do mesmo modo..

Aconteceu que, um dia, aquele senhor caiu doente. Chamou logo o servo fiel e disse-lhe:

- Vá chamar o médico para mim. O criado ouviu, mas não foi. Chegada a tarde sem que o aparecesse, perguntou o enfermo:

- Você não chamou o médico?

- Escute, senhor patrão; eu pensei assim: ou Deus destinou que meu patrão sare, e então sarará também sem médico; ou destinou que morra, e então mesmo com todos os médicos do mundo, morrerá igualmente; por isso é inútil chamar o médico.

- Você é um bobo, um imbecil! gritou o patrão, furioso. Deus não quer fazer milagres sem motivo, quer que empregemos os meios que estabeleceu. Em caso de doença quer que se chame o médico; e você vá correndo chamá-lo ouviu?...

- Sim; sim, senhor; vou já; mas por que o senhor patrão não raciocina do mesmo modo quando se trata de sua alma?...

" A terra é semelhante a uma varinha coberta de visgo; passarinho que poussa nela, torna-se incapaz de se elevar para os ares"

São Nilo



SANGVE BRASILEIRO

Ao terminar a leitura da carta que o guerreiro pernambuco lhe entregara, d. Maria de Souza, por um instante, ficou mais branca que a própria folha de papel que lhe tremia nas mãos. Era a notícia da morte de seu filho Estevão, em combate contra os holandeses, notícia que Mathias de Albuquerque lhe mandava trazer dolorosamente.

A grande senhora conteve as lágrimas que lhe iam rebentar nos olhos. Veio-lhe uma imensa vergonha de chorar ali, em presença do guerreiro, a perda do filho que morrera em defesa da pátria. E ereta e tesa, sem o mais leve traço de fraqueza no rosto, murmurou apenas com a voz vagamente entrecortada:

- Está bem! está bem!

O guerreiro montou de novo a cavalo e partiu galopando pela estrada a dentro.

D. Maria de Souza entrou para o quarto. A dor venceu-a. Brotou-lhe um mundo de lágrimas. Afogando o rosto nos travesseiros, chorou desabaladamente a imensidade do golpe que lhe feria a alma.

Era aquele o terceiro filho que perdia na guerra, era aquela a terceira punhalada que lhe vinha cortar o coração.

O seu ânimo de mulher não se abalara. Ao vir a notícia da morte do primeiro filho, o seu peito de mãe estremecera, mas o seu dever de brasileira pudera contê-lo e ampará-lo. O brio pernambucano gritava contra a usurpação holandesa; Pernambuco tinha necessidade de libertar-se das mãos flamengas. Ela sentia o ultraje à sua terra com a mesma dor dos heróis da campanha libertadora.

Nem um momento vacilou em armar o segundo filho. A morte colheu-o no Arraial de Bom Jesus, nas primeiras investidas de um combate. Armou o terceiro, aquele pobre Estevão tão radioso de mocidade, tão novo e tão criança ainda.

Era em 1635, em Pernambuco, nos arredores de Serinhaem, pelo tempo da guerra contra os holandeses.

A situação dos patriotas pirava. A traição de Calabar ti-

"NÃO HÁ NADA QUE POSSA TURVAR MAIS A PUREZA DA ALMA E A CLAREZA DO ESPÍRITO DO QUE A IRA DESENFREADA QUE IRROMPE COM GRANDE ÍMPETO" (São João Crisóstomo)



nha feito brilhar, para os flamengos, a estrela das vitórias. Os redutos pernambucanos, os mais temíveis, haviam já caído em poder dos invasores. Na Paraíba tremulava arrogantemente a bandeira de Holanda. Restavam unicamente o Arraial de Bom Jesus com a sua resistência milagrosa, o baluarte de Nazareth e a concentração de Serinhaem, onde Mathias de Albuquerque reunia agora a flôr dos seus guerreiros.

Dia a dia os sucessos caminhavam ao encontro dos inimigos. Sentia-se na forças flamengas a ância de acabar vitoriosamente com aquela luta que durava havia cinco anos. Todas as fortalezas brasileiras estavam sendo atacadas de uma vez. Lichthardt, seguindo pela Barra Grande, apoderara-se de Porto Calvo. Schkoppe continuava a campanha contra o Bom Jesus, cortando os caminhos que levavam a Nazareth. Era impossível resistir ao número e ao poder dos contrários. Mathias de Albuquerque havia recuado muitas vezes. Entregara o comando de Bom Jesus a André Marim, confiara Nazareth a Pedro Corrêa e Luiz Barbalho, e refugiou-se em Serinhaem, concentrando os patriotas e resistindo. Mas o poder holandez é cada vez mais esmagador. Toda a gente percebe que Pernambuco vai cair. Mais tempo menos tempo, o Arraial de Bom Jesus não terá mais um patriota vivo. Schkoppe chegou com as suas tropas para sitiar Nazareth; a invasão de Serinhaem já foi tentada.

É o momento culminante da luta. Ou se fará um esforço sobrehumano e supremo, ou o Brasil cairá irremediavelmente nas garras dos usurpadores.

D. Maria de Souza, no seu quarto, afogada em lágrimas, pensou em tudo isso. Era a pátria perdida, era a terra nacional entregue à ganância furiosa de uma empresa mercantil. Seriam os engenhos saqueados, os templos profanados por aquela onda de hereges, seria a escravidão imposta pelas taxas de guerra, e, acima de tudo, seria o ultraje que a pátria ia sofrer no seu valor e no seu brio.

Ela própria, simples mulher, tinha feito tudo que a sua fragilidade feminina permitia. Velha, sem o vigor para empunhar um moquete, oferecera o valor varonil de tres filhos em plena adolescência. Era aquela a terceira vez que o seu coração espartano sangrava na maior e na mais funda dor de um coração de mãe.

Que devia fazer agora? Deixar que as tropas invasoras se apoderassem de uma vez da terra pernambucana? Ir, ela própria, para o acampamento dos defensores, lutar como eles lutavam? Que serviços poderiam prestar os seus pobres braços de velha, por mais vigor que lhes emprestasse o coração?

Restavam-lhe ainda os dois filhos, o Gil e o Luiz. Mas eram duas crianças. O primeiro não tinha mais de 14 anos; o segundo, de calcinhas curtas, apenas completara 12. Poderiam servir de alguma coisa para a defesa da terra? Não seria um crime pô-lhes uma arma nos ombros e alistá-los na legião dos defensores?

E teria ela o direito de conservá-los ali, no seu engenho, quando em Serinhaem, em Nazareth, em Bom Jesus havia multidões de crianças combatendo como se fossem homens?

D. Maria de Souza veio ao a varandado do casarão do seu engenho. Os dois filhos brincavam alegremente à luz da tarde que ia morrendo. Ela fitou-os. Por muito tempo ficou a contemplá-los silenciosamente num longo enlevo de mãe. Eram tão crianças!... E teve receio de enfraquecer. Voltou para o quarto.

A noite caiu tranquila e muda.

Que devia fazer?

Ao clarear do dia os seus belos olhos tinham um brilho de chama.

Os filhos vieram beijar-lhe a mão. Ela apertou-os de encontro ao peito. A sua voz não teve o mais pequeno tremor:

- Estevão morreu, disse.

Os dois meninos estremeeceram, já com os olhos anuviados d'água.

- Não chorem. Ele morreu bem. Morreu como devia morrer. Morreu defendendo a nossa terra.

E ficou calada por um instante. Os dois meninos, silenciosos, tinham baixado a cabeça para esconder as lágrimas.

A grande senhora teve o heroísmo de sorrir.

- É assim que eu quero que vocês morram.

Luiz e Gil ergueram a fronte, fitando o rosto da mãe. Ela encarou-os, a envolvê-los num halo de ternura emocionada.

- Eu ficaria tão contente se vocês partissem...

E apertou-os de novo de encontro ao coração.

- É preciso. Se não houver quem defenda a nossa terra, a nossa terra será dos outros. Há tanta criança na guerra, lutando. Não se sentem vocês com coragem de fazer o mesmo?

E olhou-os. Os dois estavam firmes, de pé, como à espera de uma ordem.

- Vão, meus filhos, vão. Pernambuco precisa libertar-se. O que eu tinha já dei. Só me restam vocês. Vão por mim. Lembrem-se que é preciso honrar a mim, aos irmãos que morreram, àqueles que lá combatem e ao brio do país.

E calou-se para não chorar. Entrou no quarto para escrever a Mathias de Albuquerque, oferecendo os dois filhos.

À tarde, as duas crianças vieram beijar-lhe a mão. Iam partir para o baluarte de Serinhaem.

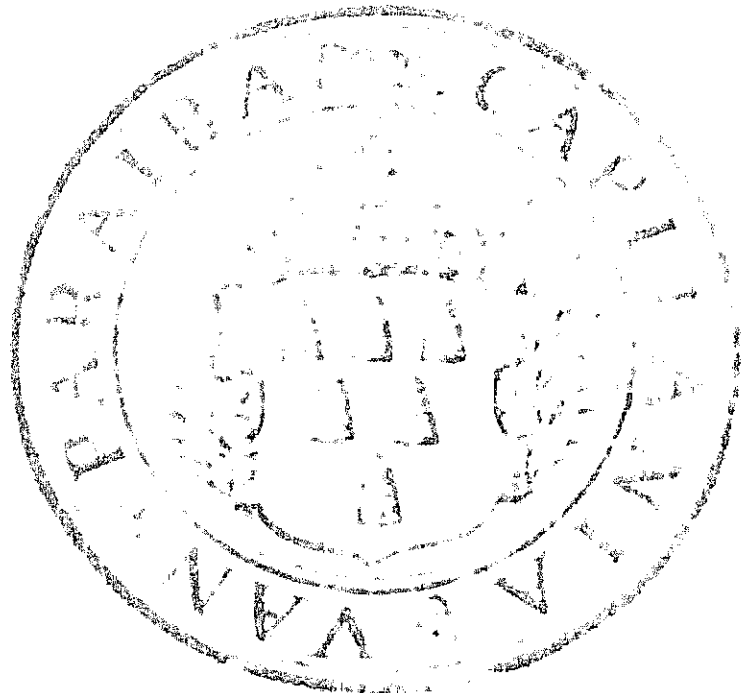
Tinham espada à cinta e moquete aos ombros.

D. Maria beijou-as sem uma palavra, sem uma lágrima. A dor fechava-lhe a boca e secava-lhe os olhos.

Luiz e Gil montaram. Do alto do cavalo atiraram o beijo de despedida. D. Maria ficou no avandado, seguindo-os com o olhar até à curva da estrada que levava a Serinhaem.

Lá, adiante, os dois voltaram-se, sacudindo tristemente o lenço. A pobre senhora já não os viu. Tinha os olhos estáticos, a fogados num dilúvio de lágrimas.

Viriato Correa
O Brasil dos meus avós



SANTO ANTONIO

Não havia decorrido um mês sobre o falecimento de Santo Antônio, em 13 de junho de 1231, e já o povo de Pádua dirigia uma petição ao Santo Padre para que ele fosse canonizado. Este pedido era formulado por toda a população da cidade, desde o Bispo até o mais humilde de seus habitantes. Gregório IX encarregou então o próprio Bispo de Pádua de proceder a um inquérito que se encerrou em fevereiro de 1232. Tal inquérito, acompanhado de novo pedido, foi levado a Roma por dois franciscanos e dois nobres cavaleiros. Nele se testemunhavam 53 milagres, todos registrados em seu processo de canonização cuja apreciação foi fixada para o dia 30 de maio daquele ano de 1232.

Nesse dia, reunido o Sacro Colégio na catedral de Spoleto, com a assistência de representantes de toda a Cristandade, religiosos, príncipes, nobres e embaixadores dos mais variados países, Gregório IX canonizou Santo Antônio, fixando sua festa no dia 13 de junho.

Diz a tradição portuguesa que, nesse momento solene, os sinos de Lisboa repicaram milagrosamente.

No presente ano, após sete séculos e meio da morte do grande santo taumaturgo, a Igreja comemora de modo especial sua festa. No âmbito dessas comemorações, já em janeiro passado, um comissão pontifícia procedeu à abertura do sepulcro, localizado na suntuosa Basílica de Santo Antônio em Pádua, onde permaneceu lacrado desde 1350. O corpo foi encontrado em bom estado de conservação apesar do tempo que correu", declarou o especialista examinador, Prof. Menegalli, catedrático de Anatomia da Universidade de Pádua. Entretanto o mais extraordinário é o estado de perfeita incorruptibilidade da língua, guardada em relicário de ouro e venerada na Capela do Tesouro da já mencionada Basílica.



"SE NOS DEIXARMOS INSTRUIR NESTA SANTA IGREJA CATÓLICA E NELA ANDARMOS VIRTUOSAMENTE; TEREMOS O REINO DOS CÉUS E HERDAREMOS A VIDA ETERNA" (São Cirilo de Jerusalém)

O Culto de Santo Antonio, que se espalhou por todos os continentes, é particularmente intenso na Itália e em Portugal. Nesses países, como no Brasil, é rara a Igreja que não tenha uma imagem do Santo doutor, normalmente gasta pela devoção quase tátil dos fiéis.

Patrono dos Militares, Santo Antonio é chamado "martelo dos hereges", pelo combate incessante que moveu aos inimigos da Fé.

Apesar de ser muito conhecido como Santo Antonio de Pádua, em Portugal ele é chamado de Santo Antonio de Lisboa. E com razão,

pois foi nessa cidade que ele nasceu, a 15 de agosto de 1195, num lugar chamado Pedreira da Sé, onde hoje se ergue a pequena mas elegante igreja de Santo Antonio da Sé.

Os italianos, entretanto, não parecem dispostos a abdicar do seu Santo Antonio de Pádua. A tal ponto é disputada esta invocação que ainda no final do século passado, Leão XIII foi interrogado sobre qual das denominações deveria prevalecer: "de Pádua" ou de "Lisboa". Sensata e habilmente, o Papa respondeu: "Santo Antonio... é o santo de todo o mundo".

A vida do venerável Queriolet contemporâneo de São Vicente de Paulo, é a mais bela prova da paciência de Deus com o pecador. Até aos trinta anos, esta alma impetuosa vivera numa contínua alternativa de confissões e pecados.

Depois, possuído de um ódio satânico contra Jesus Cristo, partiui para Constantinopla para se fazer maometano. Num bosque da Alemanha foi assaltado por assassinos que, depois de matarem seus dois companheiros, queriam acabar com ele também. Diante da morte iminente, Queriolet fez voto a Nossa Senhora de converter-se se Ela o livrasse dos assassinos. Ela o livrou, mas ele não se converteu e não tendo podido fazer-se maometano, fez-se huguenote ao regressar à França. Deus porém, o seguia como pastor que procura a ovelha desgarrada. Numa tenebrosa noite de grande tempestade, acorda com a queda de um raio sobre a casa. Queriolet salta do leito como uma fera, cerra os punhos e blasfema. Qualquer homem já se teria cansado de suportá-lo; mas Deus não se cansa e o segue. Em Loudun, uma pobre mulher desconhecida o detém e lhe diz: "Tu tens um voto a cumprir. Lembra-te de que, naquele dia, em que esteve nas mãos dos assassinos.

Mas como o sabia aquela mulher, se ele a ninguém havia contado?

Teria Deus suscitado aquela mulher para a sua conversão? Deus ainda tinha compaixão dele para o chamar daquela maneira? Este pensamento o torturou por muito tempo, vindo ele a se converter e nunca mais viver longe da graça de Deus.

A vida deste homem nos mostra uma coisa, que somente não é bom, somente não se salva quem não quer, pois a graça de Deus nunca falta.

UMA CONVERSÃO



"EIS O PÃO DOS ANJOS, FEITO ALIMENTO DOS VIAJANTES, VERDADEIRO PÃO DOS FILHOS (DE DEUS), QUE NÃO DEVEM SER JOGADOS AOS CÃES A QUEM É INDIGNO." (Santo Tomas)



Súplica a Nossa Senhora

*Senhora, uma grande alma eu vos peço.
Tão grande que possais nela habitar!
Tão grande Senhora, como é o céu,
Tão grande Senhora, como é o mar!*

*Dai-me um coração ardente, ô Senhora,
Incendiado de enlevo, a vos cantar
Um crisol disposto a por vós sofrer,
Uma sô labareda a vos amar!*

*Dai-me uma alma, Senhora, sem qualquer sordície
Extipada de apegos, e sem imundície.
Um carvão transformado em diamante a brilhar!*

*Uma alma guerreira, cruzada e valente,
Reta, pura e afiada, como espada luzente,
Flamejante de Zêlo, para vos vingar!*